



CIEA7 #5:

REDES E ESTRATÉGIAS FAMILIARES NA ÁFRICA CONTEMPORÂNEA – NOVOS  
CONTEXTOS, NOVAS RESPOSTAS?

Carlos Alves Gomes Dos Santos<sup>©</sup>

carlosantos25@hotmail.com

## Novas Respostas para as Velhas Questões Familiares<sup>1</sup>

*Esta investigação foi desenvolvida em três comunidades rurais do interior da ilha de Santiago, tendo como foco de análise as iniciativas/manifestações culturais locais desenvolvidas pelas mulheres como estratégias para promover a igualdade de género e a violência doméstica. Esta comunicação procura analisar a dicotomia existente na relação de género, a partir de dois aspectos fundamentais, a permanência / frequência / papel da mulher no espaço público / privado e a sua autonomia/dependência financeira face ao seu conjugue; perceber como é que as actividades / manifestações culturais exercidas pelas mulheres promovem a igualdade de género e previnem a violência doméstica. O trabalho de terreno foi suportado por uma abordagem constructivista, ancorado na metodologia qualitativa, aportado pela observação participante/ participação Observante, durante seis meses, e, entrevistas formais e informais. Percebe-se que as manifestações culturais locais se constituem como mecanismos para dar respostas às velhas questões familiares, sobretudo no que tange às relações de género e a violência doméstica.*

Initiatives / manifestações Culturais Locais, Igualdade de Género, Violência Doméstica.

*This research was conducted in three rural communities in the inside of Santiago Island, focusing on analysis of the initiatives / manifestations Local Cultural developed by women as strategies to promote gender equality and domestic violence. This communication analyzes the dichotomy in the gender ratio from two fundamental aspects of the residence / frequency / role of women in public / private and its autonomy / dependence on the financial side to your spouse, understand how the activities / cultural events carried out by women to promote gender equality and prevent domestic violence. The fieldwork was supported by a constructivist approach, grounded in qualitative methodology, contributed by participant observation / participation observant, for six months, and formal and informal interviews. It is observed that the cultural sites are as mechanisms for responding to the old family issues, especially regarding gender relations and domestic violence.*

Initiatives / manifestations Local Cultural, Gender Equality, Domestic Violence.

---

<sup>©</sup> Centro de Pesquisas e Estudos Avançados – Universidade de Santiago, Cabo Verde.

<sup>1</sup> Vimos que as iniciativas culturais locais dinamizadas pelas mulheres constituem soluções para as velhas inquietações no seio familiar como a violência doméstica e o desequilíbrio de poder no seio dos grupos domésticos ou familiares cabo-verdianos.

## Introdução

A Cidade Velha é elevada ao Património Mundial da Humanidade, hoje, sexta-feira [26/06/2009], foi decidida pela UNESCO, vai permitir, agora, o desenvolvimento daquele que foi o primeiro núcleo populacional surgido na ilha de Santiago (Cabo Verde) há 449 anos atrás.

In Diário de Campo de Carlos Santos, informação que se fazia ecoar nos meios de comunicação social cabo-verdianos.

A prelecção que ora é proferida, começa nesse fim-de-semana em que o autor se deslocou até ao Concelho<sup>2</sup> de Ribeira Grande de Santiago<sup>3</sup> para ver *in loco* como está a ser dinamizada a cultura/iniciativa local<sup>4</sup>, no município e na cidade mais antiga do país, que acabou de ser reconhecida pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade.

O que lhe despertou atenção à chegada no largo do pelourinho<sup>5</sup>, no centro da Cidade Velha, foi a venda dos produtos artesanais pelos imigrantes da Costa Ocidental da África. Observou os produtos expostos, do outro lado do leito da ribeira viu uma casa azul, com uma placa escrita: “Saluda<sup>6</sup> – Artizanatu di Tera”<sup>7</sup>. Deslocou-se até ao edifício para inteirar dos produtos que ali se vendiam. Foi recebido gentilmente pela empregada da loja, que apresentava os produtos, argumentando a originalidade das mercadorias que se encontravam expostas nas prateleiras face aos produtos senegaleses na praça à frente do pelourinho. Foi falando da história dos produtos locais, quem são os fabricantes/fornecedores e de onde é que vêm as matérias-primas.

Esta última frase é que nos interessava, porque parecia ser o terceiro Objectivo do Desenvolvimento do Milénio, que é promover a igualdade e equidade de género e a autonomia das mulheres. De facto era!

---

<sup>2</sup> Foi criado, pelo Decreto Lei 63/VI/2005, publicada no B.O. 19, Serie, I, 09/05/2005, quando as duas freguesias - Santíssimo Nome de Jesus e São João Baptista - do antigo Concelho da Praia foram unidas para formar o Concelho de Ribeira Grande de Santiago.

<sup>3</sup> Fica a 15 quilómetros a Oeste da Cidade da Praia.

<sup>4</sup> Um projecto de investigação pessoal que se tem vindo a desenvolver desde de 2005, em torno da Cultura como estratégias de Desenvolvimento Local em Cabo Verde.

<sup>5</sup> Foi construído em 1512, em mármore branca. Era um dos locais onde os escravos eram castigados e açoitados. Hoje em dia é um dos pontos de encontro mais importantes da Ribeira Grande, ocupando o coração da praça principal.

<sup>6</sup> O nome é simbólico por várias razões: pela sua definição é pano familiar, que as mulheres cabo-verdianas usam para amarrar a cintura, a que dão o materno e não menos simbólico nome, de “madre”, segundo a Sulada serve, também, para ajudar no transporte dos recém-nascidos. Também por desempenhar duas grandes funções no processo de criação: protege a “madre” das mulheres, após terem dado à luz, e assegura o transporte e a segurança das crianças recém-nascidas. No desempenho dessas funções, a Sulada acaba por ser decisiva no processo de formação das famílias cabo-verdianas, conferindo mais saúde e mais conforto para mães e filhos e mais esperança de vida de todos.

<sup>7</sup> Um espaço de produção e venda de artesanato. Mais do que uma ocupação, é um negócio para muitas famílias do Concelho da Ribeira Grande de Santiago.

Continuando a conversa, fica-se a saber que existe no Concelho um grupo de mulheres que se dedicam e utilizam culturas / iniciativas / manifestações locais como actividades geradoras de rendimento financeiro e propiciadoras de participação / permanência nos espaços públicos e qualificação profissional.

Ao perceber que se está perante grupos sociais em processo de afirmação, que revelam aspectos positivos e negativos, mas também apresentam potencialidades e fraquezas, suscitou interesse, enquanto investigador para compreender esse novo paradigma epistemológico que emergia a partir das iniciativas culturais locais para promover a igualdade de género e prevenir a violência doméstica.

Para o efeito, foram eleitos como postos observatórios, três comunidades rurais do interior da ilha de Santiago, pertencentes ao Município da Ribeira Grande Santiago, tendo como foco de análise as iniciativas / manifestações culturais locais – nomeadamente, dança e música – o Batuco –, confecção de produtos artesanais (costura, tecelagem, tapeçaria, bonecos, malas, bijutarias) e produção de produtos tradicionais (*sabão-di-terra*<sup>8</sup>, e azeite<sup>9</sup> de purgueira e rícino) – desenvolvidas pelas mulheres, como estratégias para promover a igualdade de género e prevenir a violência doméstica nessas localidades.

Esta investigação questiona se estas iniciativas culturais conseguem promover a igualdade de Género e prevenir a violência doméstica.

Estas problemáticas sociais decorridas em contextos familiares e comunitárias, à luz das novas teorias de equidade de género e violência doméstica, só serão possíveis se as acções culturais, supra referenciadas, forem desencadeadoras de autonomia e independência financeira das mulheres face aos homens, constituindo-se como mecanismos para a sua permanência / frequência do espaço público.

Sendo assim, constitui-se como preocupação da investigação perceber a dicotomia, existente na relação de género, a partir de dois aspectos fundamentais, a permanência / frequência / papel da mulher no espaço público / privado e a sua autonomia / dependência financeira face ao seu conjugue, por outro lado, perceber como é que as actividades / manifestações culturais exercidas pelas mulheres promovem a igualdade de género e previnem a violência doméstica.

O trabalho de terreno foi suportado por uma abordagem construtivista, ancorado na metodologia qualitativa, aportado pela observação participante / participação observante, durante seis meses, e entrevistas formais e informais. Foram realizadas trinta entrevistas formais semi-abertas a: quatro técnic@s que trabalham

---

<sup>8</sup> Feito de Purgueira e outras plantas. São utilizados na medicina tradicional para o tratamento de algumas doenças de pele.

<sup>9</sup> São óleos feitos desses tipos de plantas, utilizados na medicina tradicional para tratamento de algum tipo de dor.

com as mulheres, uma coordenadora do projecto “Nha Nacia”<sup>10</sup>, dois líderes das associações comunitárias, um vereador da educação e cultura, oito presidentes de grupos de batuco, uma funcionária da “Loja Sulada”, um responsável pelos factores de produção e distribuição dos produtos, seis famílias, uma responsável pelo centro de costura, uma responsável do grupo de produção de sabão e azeite de purgueira e duas estagiárias do “*funku* das Mulheres”<sup>11</sup>.

A selecção dos informantes obedeceu a alguns critérios, nomeadamente, ter ligação com as comunidades a nível profissional ou afectiva; possuir, desempenhar ou participar nas actividades culturais compatíveis com o objecto de estudo ou então por ser indicado pelo informante anterior.

Esta amostra revelou-se muito importante na construção do objecto de estudo, uma vez que não é representativa, mas sim significativa, sobretudo pelo facto dos intervenientes serem representantes dos moradores, grupos culturais, decisores, mobilizadores de recursos, conhecedores dos problemas, interessados em soluções. Esta amostra permite a compreensão alargada sobre o estudo de caso, conclusão sobre experiência e não outra, ainda pode aplicação noutros contextos.

A nossa comunicação está sistematizada da seguinte forma, num primeiro momento faz-se a contextualização socioeconómica e cultural do nosso objecto de estudo, seguida de uma análise e debate da problemática da igualdade e equidade de género, na terceira secção reflecte-se sobre dinâmica das mulheres na promoção de actividades culturais geradoras do rendimento e emancipação, finalmente, apresenta-se algumas recomendações e considerações finais sobre o tema em debate.

## Contextualização socioeconómica e cultural das comunidades

Aqui no Concelho há muitas actividades culturais, grupos estruturados e bem liderados por jovens e pessoas dinâmicas. Também vive-se da agricultura, pesca (...) lojas, empregados públicos (...) criação de animais e pronto, vai se vivendo (...) mesmo as pessoas de Salineiro, São João Batista, Gouveia e Porto Mosquito, todos os moradores vivem disso. Só que nas localidades de Gouveia, Salineiro e Porto Mosquito há um grupo de mulheres que fazem camisa, sabão de terra, tapete, essas coisas que estão na loja (...) também participam em festivais de batuco.

Funcionária da Loja Sulada

---

<sup>10</sup> Projecto de recolha de letras de batuco nas comunidades de Salineiro, Gouveia e Porto Mosquito. Mais também visava combater a violência doméstica e promoção de igualdade de género a partir do batuco.

<sup>11</sup> Um espaço que funciona como centro formativo e lúdico das mulheres e meninas da zona da Ribeira Grande de Santiago. Faz parte de um projecto desenvolvido com fundos da Agência *Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo*, nas localidades de Cidade Velha, Gouveia e Porto Mosquito. Pois, simboliza o trabalho que as mulheres vão fazer ali para a sua emancipação.

A informação da funcionária da loja enquadra-nos na dinâmica cultural, económica do município. As localidades de Salineiro, Gouveia e Porto Mosquito apresentam boas acessibilidades viárias para o exterior – Cidade da Praia e arredores – através da rede viária. Em termos económicos, a agricultura, tradicional e de regadio, constituem o meio de sobrevivência da população dessas aldeias, por vezes, completados com as remessas de familiares emigrados, actividades ocasionais no âmbito das Frentes de Alta Intensidade de Mão-de-Obra (FAIMO), pesca, criação de animais (porcos, galinhas, cabras), apanha de areia e de lenha<sup>12</sup>, pequenos comércios e actividades culturais.

Essas diversidades e complementaridades de actividades económicas que se verificam nessas comunidades leva-nos a concordar com Schneider (2006), que no VII Congresso Latino-americano de Sociologia Rural, na sua comunicação, destacou a pluralidade do dinamismo económico como uma das estratégias de políticas públicas para a sustentabilidade económica do mundo rural, com destaque para os grupos mais vulneráveis. Muitos investigadores e autores – Mauss, (1974), Polany, (1980) – têm explicado e sugerido que a sustentabilidade do mundo rural deve passar pela reciprocidade e redes sociais. Sobretudo, pelas práticas locais que se baseiam mais em lógica de reciprocidade. Não devemos esquecer, que a reciprocidade estrutura a organização social, introduz valores humanos, como a confiança e a justiça, principalmente nos contextos rurais onde as redes locais – parentesco, família, amizade, compadrio, vizinhança, de trabalho, entre outros – constituem vivências sociais baseadas no princípio da reciprocidade. Portando uma abordagem conjunta de reciprocidade e redes sociais podem permitir criação de modelos e características de desenvolvimento endógenos e exógenos como forma de aproveitar os produtos locais.

A Responsável do “Projecto Nha Nacia” tem a seguinte caracterização socioeconómica e cultural das aldeias supra citadas:

Na localidade de Salineiro existem alguns funcionários públicos e alguns jovens que já possuem 12º Ano de Escolaridade, nas outras comunidades como a Gouveia e Porto Mosquito nem por isso (...) mas andam na escola. Jovens de Salineiro têm melhor visão (...), há mais meios de vida, porém nota uma dês governancia total na rua, falta de espaços para os jovens, para as crianças e adultos nem se fala, animais

---

<sup>12</sup> Segundo, Pina (2007), os factores acima referidos contribuem de uma forma geral para o aumento da pressão sobre os escassos recursos disponíveis, influenciando de forma negativa o ambiente e proporcionando situações difíceis em épocas de maus anos agrícolas para a população residente, reforçando assim a pobreza.

soltos nas ruas (...), não aceita o outro como o seu, parecem que querem esconder algo (...) enfim. No entanto a população de Gouveia é descomplexada (...), nota-se a pureza do badiu. Pressente-se que existe a violência disfarçada, no seio das famílias (...) não se conhece as consequências (...) há muitas mulheres solteiras, o desemprego é palavra de ordem (...) também muitas letras de batuco.

Essa leitura socioeconómica da dirigente do projecto “Nha Nacia”, sobre o nosso objecto de estudo, relembra-nos intervenção de Ribeiro, (2007), no III Congresso de Estudos Rurais na Universidade de Algarve, aquando foi destacado o peso da educação em áreas periféricas, sublinhando a sua contribuição para afirmação da coesão social. Sobretudo pelo facto dessa proporcionar oportunidades às mulheres e aos jovens oriundos de famílias com menor capital cultural e económico e praticamente sem acesso ao ensino. Pode ser oportuno para se entender os números que indicam que as comunidades apresentam um baixo nível de educação, elevada taxa de fecundidade (4,8 filhos/mulher – QUIB 2007, INE) e um número substancial de famílias chefiadas pelas mulheres solteiras. Esses aspectos têm a ver com os processos migratórios e com o tipo de organização familiar. Alguns autores, como Góis, (2006), Carreira, (1984), têm revelado estas preocupações nas suas análises.

Ao longo da investigação foi-se percebendo, que a população apresenta altos índices de carência e desemprego, espírito de paz e não o de cidadania, baixa capacidade discursiva, existência de muitos grupos de batuco, são outras características sociais dessas comunidades. Ademais, elas apresentam carências em termos de equipamentos sociais.

Não foi possível captar logo à partida, mas a maioria dos nossos informantes são de opinião de que existe, nessas comunidades, violência doméstica camuflada e não se sabe bem a gravidade deste fenómeno social. Estes argumentos são exemplificados, com o facto de existir um gabinete de atendimento às vítimas na esquadra de polícia com um número<sup>13</sup> de casos significativos. Nesta exposição assume-se a violência doméstica como conflito de género e de gerações, onde o mais fraco é “coisificado”. A violência na família constitui um fenómeno social global de longa data que, em tempos mais recentes, tem vindo a conhecer proporções quase epidémicas. Nos nossos dias, este fenómeno é alvo de maior atenção do que em qualquer outro período da sociedade ocidental, o que não significa que constitua um “fenómeno novo”. Contrariamente, e de acordo com Richard Gelles, “a violência tem

---

<sup>13</sup> Não nos foi facultado o número exacto.

sido uma parte constitutiva da família ao longo da sua história quer nos Estados Unidos, quer na Europa, quer na maior parte dos países e sociedades do globo” (Gelles, 1993:1) Também, as diversas disciplinas científicas não têm permanecido estranhas a este fenómeno de tal modo que “as crises e conflitos que ocorrem no âmbito do grupo familiar não constituem uma surpresa para a análise social nem tão-pouco para as disciplinas das áreas sociais (...) pelo contrário, tal como para a realidade social envolvente, fornecem a matéria-prima desse processo complexo que é a *constituição social* da família” (Esteves, 1995:23).

Portanto, a família é entendida, nesse âmbito, enquanto instância de articulação entre o individual e o social, o público e o privado, fazendo parte de uma comunidade inserida num o contexto ao qual ela pertence e que recebe e exerce influencias sobre os outros, deste modo / assim a sua compreensão não permite uma visão isolada da família sem esse contexto. Essa perspectiva de família é assumida também pelos autores: Giddens, (2009), Levi-Strauss, (2010), Almeida, (2000), Carreira, (1984), nos seus estudos.

## IGUALDADE E EQUIDADE DE GÉNERO

Retomando a discussão, o papel e a função da mulher e do homem são bem definidos no nosso contexto de investigação, tal como para os habitantes de Pardais estudado por Almeida (2000), quem as testemunham são as nossas entrevistadas que nos dizem: *“Os maridos daqui não fazem os mesmos trabalhos que os da Praia. Se não estiver em casa o marido pode cuidar dos animais (cabra, porco, burro, galinha...) mas cozinhar, não”*. Na verdade, a equidade de género significa igualdade de oportunidades e condições de homens e mulheres em todas as esferas da nossa vida, educação, saúde, trabalho, emprego, e especialmente no exercício do poder e na partilha das responsabilidades familiares. No entanto, não é o que as nossas entrevistadas acabaram de apresentar. Porém, salientaram que existe uma dicotomia entre o urbano e o rural, entre as tarefas domésticas feitas pelos maridos urbes e pelos maridos campesinos. De facto, apresenta uma estrutura social e cultural rígida e tradicional, que ainda não foi moldada pela globalização. Ao querer saber a perspectiva dos rapazes / homens / maridos sobre a divisão e partilha das tarefas domésticas com as mulheres nos espaços privados, fica-se a saber por eles que *“existem tarefas que são das mulheres e não do homem, nós trabalhamos em muitas outras coisas que elas não fazem”*. Está-se perante uma sociedade tradicionalmente machista, onde domina a masculinidade.

O diálogo entre uma mulher e o seu marido mostra como existe uma dominação masculina sobre as mulheres no que tange à permanência e frequência destas no espaço público. Quando foi questionada se os maridos costumam deixar as mulheres a participarem nas actividades culturais/ festas que são realizadas na localidade ou concelho, não hesitou em responder:

M – Há um, à minha frente.

H - Não te queixes, só ilha que não costumam ir.

M – Não. Deves dizer, que quando houver convite vou ter que ir pagando durante a semana toda, para poder ir.

H – Claro!

Esta conversa denota as estratégias que as mulheres dessas comunidades estão a adoptar-se para contornar a situação social que se impõem. E a abordagem *Bourdieuiana* constituiu um instrumento valioso, já que alguns de seus conceitos, como o de *habitus* de Bourdieu: (1999), se têm mostrado úteis quando utilizados segundo a perspectiva analítica das relações de género. A realidade social é filtrada por intermédio de um modelo conceptual que fornece os critérios para a classificação dos factos sociais e, por conseguinte, para a produção analítica. Esse modelo é, por sua vez, influenciado pela cultura patriarcal, que permeia todas as dimensões da sociedade, estando entranhada tanto na família como na reprodução social e biológica da espécie humana, informa-nos Castells, (1999) no seu estudo.

As presidentes das Associações locais entrevistadas são cientes de que *“Uma mulher quando quer, manda mesmo! Contorna a situação. O homem é considerado a cabeça de casal mas a mulher é sem dúvida o pescoço (...) a cabeça vai para onde o pescoço mandar. Mulher inteligente é aquela que faz com que o homem pensa que manda, quando na realidade é ela quem controla tudo”*. As realidades sociais não são estanques, por isso *“as diferenças sociais não são simplesmente dadas à experiência através de uma tradição cultural já autenticada; elas são signos da emergência da comunidade concebida como projeto – ao mesmo tempo uma visão e construção – que leva alguém para “além” de si para poder retornar, com um espírito de revisão e reconstrução, à condições políticas do presente.”* (Bhabha, 2005: 21-22)

Em suma, as transformações que têm ocorrido na esfera da vida privada, esfera que é relevante para o entendimento das desigualdades existentes entre os homens e as mulheres, constituem como mecanismos para medirem o acesso feminino ao espaço público da vida social. Desta forma, como enfatiza Oliveira, (2004), está-se enfatizando, não o lado da permanência, mas o lado das mudanças e transformações ocorridas nas culturas de género.

## DINÂMICA DAS MULHERES NA PROMOÇÃO DE ACTIVIDADES CULTURAIS GERADORAS DO RENDIMENTO E EMANCIPAÇÃO

Desta forma, mulheres e jovens / meninas organizaram-se em grupos de batuco para poderem encontrar-se umas com as outras, discutir os problemas que as afligem no dia-a-dia. Na verdade, a valorização da cultura local no meio, contribui para promover nos cidadãos, índices favoráveis de capital social, colaborando para incrementar políticas públicas eficazes para o desenvolvimento das comunidades. O capital social é um processo e um instrumento de *empowerment* do cidadão, que pode mudar as relações pessoais e intercâmbios sociais, gerando mais redes de cooperação e solidariedade. E isso, segundo Putman, (1996), poderá ter efeitos positivos na democracia e no desenvolvimento social e económico. O Autor ressalta três aspectos fundamentais para a consolidação do capital social: a confiança, a cooperação e a participação.

A tridimensionalidade do capital social, avançada no parágrafo anterior, parece ser emergente nalgumas mulheres de Salineiro, Gouveia e Porto Mosquito, que se organizaram em grupos para a produção de sabões (formadas por dez mulheres, entre as quais, sete de Salineiro, duas de Gouveia e uma de Porto Mosquito), confecções / costuras<sup>14</sup> – subdivido em quatro: Boa Vontade (constituído por oito mulheres), Bom Sucesso (formado por cinco a sete mulheres) e Deus é Pai (instituído por seis mulheres) –, grupo<sup>15</sup> de tecelagem, que é constituído por todas as mulheres dos grupos de confecções / costuras.

A capacidade de empreender dessas mulheres está relacionada com as suas características, aos seus valores e aos seus modos de pensar e agir. Schumpeter, (1982), entende que os empreendedores são responsáveis pelo desenvolvimento económico. Promovendo o rompimento da economia em fluxo circular para uma economia dinâmica, competitiva e geradora de novas oportunidades.

A existência desse grupo doméstico – a família – constitui-se como espaço para a nidação das dinâmicas culturais locais. Uma vez que a cultura “permite ao Homem não só adaptar-se ao meio, mas também adaptar este a si próprio, às necessidades e aos seus projectos” ensinou-nos (Cuche, 2003: 24).

Sendo assim, as iniciativas/manifestações culturais locais referem-se a tudo que é típico de uma localidade, que serve de referência e identificação de uma região ou território. Ou seja, uma produção cultural que é singular e que se constitui como

---

<sup>14</sup> Normalmente os grupos de Costura trabalham nos seguintes dias da semana: às segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras.

<sup>15</sup> Esses trabalham às terças-feiras e às quintas-feiras

elementos simbólicos e identitários de uma cultura local, sobretudo para a definição das competitividades territoriais locais.

A loja, “*Saluda: Artizanatu di Tera*”, é o espaço de distribuição exposição dos produtos confeccionados por essas mulheres empreendedoras a partir dos produtos locais. A responsável da loja, que não é a funcionária da loja, recebe os produtos e faz a distribuição do rendimento de acordo com os grupos / fornecedores. Também, as fornecedoras pelas incitativas individuais terão 20% do preço final do produto. Além deste espaço as mulheres elegem outros pontos para fazerem escoar os seus produtos, é o caso de algumas mulheres que já foram vítimas de violências domésticas que procuram as lojas de artesanato de São Domingos, Estação de Serviços dos Correios de Cabo Verde do *Plateau*, mercados de sacupira e outras boutiques regionais e nacionais.

Ainda se falamos dos produtos que são feitos por cada grupo de mulheres:

*“os grupos de produções fazem quatro tipos de sabão-de-terra: de pulgueira, manjerição, hortelão e babosa. Também fazemos azeite de pulgueira, de rícino, e óleo de babosa (Aloevera). Os grupos de confecções e tecelagem, normalmente fazem mala de sisal, tapete, cesto, camisa de panu-di-tera, sulada, panu-di-tera, porta-moedas, boneca, toalhas de mesa tradicional, almofadas, lençóis, bijutarias, camisolas, vestido, enfim”.* Portanto:

“(...) este processo de atribuir aos objectos de arte um significado cultural, é sempre um processo local (...), [pois] A compreensão desta realidade (..) é essencialmente uma formação coletiva; (...) as bases são tão amplas e tão profundas como a própria vida social (...)” (Geertz, 2009: 146 e 149). De facto, “ (...) o sentimento que um povo tem pela vida não é transmitido unicamente através da arte. Ele surge em vários segmentos da cultura deste povo: (...) no comércio, (...) nas formas de lazer e até na forma como organizam a sua vida prática e cotidiana.” (Geertz, 2009:145).

Em nome do trabalho, as mulheres podem sair de casa e frequentar os espaços públicos, mesmo que o rendimento financeiro seja insignificante. Vejamos o seguinte:

Todas nós fazemos outras coisas além disso: comercio, serviços, tarefas domésticos. Não dá para os homens virem cá, aqui é só para as mulheres. Se os maridos e as esposas vierem juntos, lá em cima não dá. O marido tem que aceitar, o nosso rendimento que as vezes varia de 75\$00 a 2000 até 3000\$00 mensais. O marido é obrigado a aceitar. Dialogamo-nos até aceitar. Mas o mais importante disso tudo no

rendimento é aquele que ganhamos para nós: metade da venda é para nós e metade é para a aquisição de matéria-prima e formação. Se algum dia o grupo acabar, posso ir ficar no Sucupira e montar o meu negócio (discurso da responsável do centro de Costura).

Ir para o Centro da Costura todos os dias após de terem cumpridas outras missões diárias, é sinal de emancipação das mulheres, trabalhando fora de casa e também é um espaço de socialização feminino e de soluções para os problemas que enfrentam no espaço privado.

Essas dinâmicas culturais locais organizadas por mulheres constituem mecanismos para emancipação feminina. A história de uma das nossas entrevistadas, é representativa e significativa para o nosso caso de estudo: *“Eu era vítima da violência doméstica. Eu sou um exemplo da independência e autonomia que se libertou da violência. Tinha casa grande com quatro quartos de dormir, uma sala, um corredor, uma sala de jantar, duas casas de banho. Só na minha varanda poderás colocar dois colchões para dormir, e hoje pago uma renda de 5000\$00 numa casa sem luz, nem água, mas não me importo, sou feliz. Tenho três filhos que vivem comigo. Batalharei para construir mais uma nova casa sozinha para que nenhum homem mande em mim.”*

Uma outra forma de libertação feminina da dominação masculina é pertencer a um grupo de batuco<sup>16</sup>. Batuco é uma dança mais feminina, embora a liderança do grupo possa ser masculina, mas o papel fundamental dos homens no grupo é de fazer claque nos festivais, no terreiro, ou nos espectáculos. Convém lembrar que é um género musical e estilo de dança do interior da ilha, tipicamente dos escravos que hoje já ganhou expressão nacional e internacional. Aquilo que era dança no arredor da casa ou no quintal dos vizinhos e familiares, nas ocasiões dos casamentos tradicionais da ilha de Santiago, passou a ser dança e música de espectáculos para públicos diferenciados.

Verifica-se algumas reservas nos maridos em deixar as mulheres frequentar os espaços públicos / festivos, como nos explica uma das presidentes do grupo de batuco:

Algumas costumam dizer que os fulanos não as deixam ir. O marido não deixa ir. Mas ele vai para tudo quanto é sitio. Porque é que eu não lhe peço satisfação é que há de ser ele a pedir-me? Quando eu vier, vim. Por exemplo, existem algumas mulheres, que se houver uma actividade qualquer se ela quiser ir não pode, porque o marido não a deixa, ou

então porque segundo a sua consciência não é correcto. Mas em grupo não há problema em ir. Mesmo que não queira, irá mesmo assim, ficando até o término das actividades.

Contudo, ressalta que quando for em nome da cultura ninguém impede, impera a igualdade de género nas actividades culturais a serem realizadas.

Os grupos de Batuco são contundentes nas suas letras musicais, no sentido de poder minimizar esta problemática que opera nos espaços privados com os seus colegas. Ao longo do espectáculo / actuação procuram cantar alguma musica que tem a ver com a igualdade de género, chamando atenção aos homens presentes para esta questão. Como nos reza a letra musical que se segue de um líder do grupo de batuco:

Diga-me para falar, diga-me para falar/ Que fui cantar a cultura da nossa terra/ Quando cheguei em casa/ Tu me impediste de entrar, disseste-me para procurar o meu espaço/ Diga-me para falar/ Eu nunca te impedi de sair com os teus amigos/ Para irem tomar uma aguardente/ Mas quando eu sair para ir cantar batuco/ Tu injurias-me/ Já perdeste respeito por mim/ Já estragaste a nossa amizade/ Respeita-me que eu te respeito/ Respeita-me, deixa-me mostrar a nossa cultura/ Fui ao batuco/ Estava no terreiro com “sulada” na cintura/ Debaixo de “txabeta”<sup>17</sup> dos mocinhos a rebolar/ Eu reboło/ Eu reboło.

A desigualdade de género não opera apenas entre marido e mulher, também é extensiva na família no que tange ao ser, lugar, papel e função do indivíduo consoante o sexo. Uma jovem não tem as mesmas liberdades que um jovem da mesma idade. Como salienta Darendorf, (1988), as desigualdades de género fundamentam-se em traços que embora fazendo parte da antiga ordem tradicional permaneceram no capitalismo contemporâneo para reforçar a subordinação feminina. As desigualdades de género apontam para questões que estão referidas a demanda por identidade social. Os direitos das mulheres têm a ver com obstáculos culturais à uma participação igualitária com os homens, exigindo, uma mudança de atitudes e das normas dominantes. Por isso que um grupo de batucadeiras, constituído por jovens, elegeu como foco de intervenção este fenómeno. Uma das suas letras musicais é elucidativa nesses termos:

Minha mãe! Podes acreditar/Minha mãe! Já tenho 18 anos/18 Anos, idade de saída//Seja o que for/Já não posso aguentar/Andei por ali, andei por acolá/Puseste pessoas atrás de mim//Minha mãe, o que te

---

<sup>17</sup> Txabeta (tchabeta) é o bater rápido e sincronizado com as palmas das mãos contra batuques presos firmemente entre os joelhos, enquanto alguém dança o batuco

digo/É que já tenho idade/E já não posso mais correr//Minha filha/Espero que saibas o que estás a fazer/18 Anos, idade para namorar/Mas se sentares e reflectires, verás o futuro/Porque namoro de hoje em dia magoa muito//.

Apesar desse dinamismo emancipatório, percebe-se das entrevistas que existem poucos recursos para o patrocínio das actividades culturais, embora os grupos tenham sido apoiado por algumas instituições, sobretudo pela Câmara Municipal local. Existe todo um trabalho no sentido de organizar os grupos em Associação, de modo que o batuco venha a constituir-se num meio de produção económico. Neste momento, quando os grupos de batuco actuam, recebem um *cachet* simbólico, que é dividido pelos elementos do grupo. Pretende-se que as senhoras, membros dos grupos de batuco, se inscrevam no Instituto Nacional de Previdência Social, fazendo os seus descontos normais e beneficiem de todas as regalias sociais a eles inerentes. O apadrinhamento dos grupos de batucadeiras pelas entidades culturais além fronteiras, com o intuito de lhes dar maior visibilidade cultural e divulgação das músicas, fundamenta a pertinência do desenvolvimento desta actividade.

## Conclusão

Conclui-se que estamos perante os reflexos dos impactos das transformações internacionais face ao impacto deste a nível do espaço local. Estamos a falar de mudanças sociais, culturais e políticas. Mas perante uma contradição analítica. Aquilo que era desprestigiado, acaba por ser uma razão para o *empowerment* e frequência do espaço público. As mulheres vão buscar os recursos que eram usados de outras formas no contexto doméstico para a promoção do *empowerment* como mecanismo para promoção da igualdade do género e prevenir a violência doméstica. Embora se entenda que a família é um contexto mais amplo para outras esferas de análise.

O Concelho de Ribeira Grande de Santiago apresenta-se com muita dinâmica Cultural – vinte e tal festivais de Batuco durante o ano. Nas três comunidades existem quinze grupos de batuco. Verifica-se que a permanência das mulheres nos espaços públicos à noite em actividades culturais só é possível se for através do batuco ou em nome da cultura. Estas manifestações culturais permitem às jovens conquistar a confiança dos pais e a frequência do espaço público em igualdade com os jovens da mesma idade. Ficou nítido que, de facto, estas actividades culturais locais contribuem para a promoção da Igualdade de género e prevenção de violência doméstica.

Outro aspecto que não deixou margem para dúvida é que, embora as mulheres dessas localidades possuem uma loja local para o escoamento dos produtos, existem algumas dificuldades na distribuição e o acesso ao mercado. Para colmatar esta dificuldade muitas destas mulheres tomam a iniciativa de procurar noutras comunidades lojas no interior da ilha Santiago. Salientando-se como caso de sucesso o Concelho de São Domingos tanto para dar vazão aos produtos confeccionados como para pôr em prática as dinâmicas de produção aqui trazidas.

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Miguel Vale de, (2000), "Grupo Doméstico, Família, Género", "Símbolos e significados de género" in *Senhores de Si: Uma interpretação Antropológica da Masculinidade*, Lisboa, Fim de Século, pp. 34-41; 59-67
- Bhabha, Homi K., (2005), *O local da cultura*, Editora UFMG, Belo Horizonte
- Bourdieu, Pierre, (1999), *A Dominação Masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil
- Carreira, António, (1984), "Estrutura Familiar", "Migrações Internas, Emigração e Imigração" "Causas e/ou Consequências", in *Cabo Verde: Aspectos sociais, seca e fome do século XX*, Lisboa, Ulmeiro, pp. 145-157; 159-180; 181-194
- Castells, Manuel, (1999), *O Poder da Identidade na era da informação: Economia Sociedade e Cultura*, São Paulo, Paz e Terra
- Cuche, Denys, (2003), *A noção de cultura nas ciências sociais*, 2ª Edição, Fim de Século Edições, Lisboa
- Darendorf, Ralf., (1988), *O Conflito Social Moderno: Um Ensaio sobre a Política da Liberdade*, São Paulo, Jorge Zahar Editor,
- Esteves, António Joaquim, (1995), *Jovens e Idosos. Família, Escola e Trabalho*, Porto, Edições Afrontamento,
- Geertz, Clifford, (2009), *O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*, Editora Vozes, Petrópolis, RJ
- Gelles, Richard, (1993), "Family Violence", in Hampton, Robert L. e tal, *Family Violence: Prevention and Treatment*, Newbury Park, Sage Publications, 1993,
- Giddens, Anthony, 2009, "Famílias" in *Sociologia*, Lisboa, Calouste Gulbenkian, pp. 172-201.
- Góis, Pedro, (2006), *Emigração Cabo-Verdiana para (e na) Europa e a sua Inserção em Mercados de Trabalho Locais: Lisboa, Milão, Roterdão*, Lisboa, Edição ACIME,
- Levi-Strauss, Claude, 2010, "A Família" in *O Olhar distanciado*, Lisboa, Edições 70, pp. 69-99.
- Mauss, Marcel, (1974), "Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas", In *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, pp. 143-279.
- Oliveira, Zuleica L. C. de, (2004), "As informações estatísticas e as relações de género: Uma proposta de construção de um índice cultural de género", in *Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Género*, Braga, ASP.
- Pina, Rita Maria Mendes de, (2007), "Associativismo e Desenvolvimento Local em Cabo Verde: Notas sobre alguns Percursos de Revitalização Rural" in *Actas do III Congresso de Estudos Rurais (III CER)*, Faro, Universidade do Algarve, 1-3 Nov.
- Polany, Karl, (1980), *A grande transformação: as origens da nossa época*, Rio de Janeiro, Campus,
- Putman, Robert, (1996), *Comunidade e democracia: A experiência da Itália moderna*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas,
- Ribeiro, Mª Isabel e tal, (2007), "Determinantes da Procura do Ensino Superior Agrário em Regiões Periféricas", In *Actas do III Congresso de Estudos Rurais (III CER)*, Faro, Universidade do Algarve, 1-3 Nov.
- Semedo, Carla Indira Carvalho, (2006), *Mara sulada e dã ku torno": performance, gênero e corporeidades no Grupo de Batukadeiras de São Martinho Grande (Ilha de Santiago, Cabo Verde)* Porto Alegre: UFRGS Editora,

- Schneider, S.; Conterato, M. A., (2005), "Transformações agrárias, tipos de pluriatividade e desenvolvimento Rural", In Neiman, G.; Craviotti, C. (orgs.), *Entre el campo y la ciudad*, Buenos Aires, Ediciones CICCUS, pp. 18 -47.
- Schumpeter, Joseph Alois, (1982), *Teoria do desenvolvimento económico*, São Paulo, Abril Cultural,
- Veiga, José Eli da, (2003), *Empreendedorismo rural - uma primeira aproximação*, São Paulo, USP/FEA